

XIV BXComp

14º Campeonato de Programação para Calouros do Curso de Sistemas de Informação
2024

0ª Etapa - 1 ponto

A Lenda de Shaulin, o Matador de Porco

Em uma época distante, há muitos séculos, onde as civilizações modernas ainda não haviam erguido suas grandiosas metrópoles, existia uma pequena e remota vila, situada nas profundezas das montanhas do norte. Essa vila, isolada do mundo exterior por densas florestas e rios impetuosos, era habitada por um povo simples, que vivia em harmonia com a natureza, respeitando as antigas tradições transmitidas de geração em geração. As montanhas, cobertas por um véu de neblina, escondiam segredos milenares, e os moradores da vila acreditavam que os espíritos dos ancestrais protegiam aquelas terras, guiando e abençoando os habitantes com boas colheitas e clima favorável.

A vila era composta por algumas dezenas de casas de madeira, construídas com troncos das árvores da região. Os telhados eram feitos de palha, e as paredes, reforçadas com barro, protegiam os moradores do frio rigoroso das montanhas. No centro da vila, havia uma praça onde os moradores se reuniam para celebrar as festividades, contar histórias antigas e compartilhar as novidades do dia. No topo da colina mais alta, erguia-se um templo ancestral, onde os anciãos da vila realizavam rituais em homenagem aos deuses e aos espíritos da natureza.

Entre os habitantes da vila, havia um jovem chamado Shaulin. Ele era filho de camponeses, nascido em uma família humilde, que, apesar das dificuldades, sempre ensinou a Shaulin o valor do trabalho árduo, da honra e do respeito pelas tradições. Desde muito pequeno, Shaulin demonstrava habilidades extraordinárias. Enquanto as outras crianças da sua idade ainda estavam aprendendo a andar, Shaulin já escalava as árvores mais altas da floresta, correndo com a agilidade de um cervo, e nadava nos rios turbulentos como um peixe nas águas cristalinas. Seu pai, orgulhoso, dizia que Shaulin havia herdado a força e a coragem de seus antepassados, guerreiros que haviam defendido a vila em tempos de guerra.

A vida em sua pequena vila era marcada por um ritmo pacato e constante, ditado pelas estações do ano. Durante a primavera, as plantações de arroz e trigo se estendiam pelos campos férteis, e os moradores trabalhavam em conjunto para garantir uma colheita abundante. No verão, as florestas ao redor da vila se tornavam exuberantes, com árvores frutíferas carregadas de maçãs, peras e cerejas. O outono trazia a colheita, onde os moradores se reuniam para celebrar e agradecer aos deuses pela generosidade da terra. O inverno, por outro lado, era uma estação de repouso, onde as famílias se recolhiam em suas casas para se aquecerem ao redor das lareiras, enquanto a neve cobria as montanhas com um manto branco e silencioso.

No entanto, apesar da tranquilidade aparente, a vila escondia um segredo sombrio, um temor que era sussurrado apenas nas noites mais escuras e silenciosas. Esse temor estava relacionado a uma antiga lenda que dizia respeito ao porco selvagem, uma criatura gigantesca e aterrorizante, que habitava as florestas mais profundas e sombrias das montanhas. O porco selvagem era descrito como um ser mítico, de pele tão dura quanto a pedra, olhos que brilhavam como brasas incandescentes no escuro e presas longas e afiadas que podiam dilacerar qualquer coisa em seu caminho. Segundo as histórias contadas pelos anciãos, o porco selvagem não era uma criatura comum, mas sim um guardião das florestas, enviado pelos deuses para proteger os segredos da natureza e punir aqueles que se atrevessem a desrespeitar suas leis sagradas.

Os anciãos da vila, os mais sábios e respeitados entre os habitantes, contavam que, em tempos antigos, um jovem caçador havia desafiado o porco selvagem, tentando provar sua bravura e força. No entanto, o caçador subestimou o poder da criatura, e, em vez de retornar como um herói, ele foi derrotado, sua lança quebrada e seu corpo encontrado dias depois, despedaçado na beira do rio. Desde então, o porco selvagem se tornou um símbolo de respeito e temor, e os moradores da vila evitavam entrar nas florestas profundas, deixando aquelas terras intocadas, como um sinal de reverência à criatura. Capítulo 2: O Rito de Passagem

Apesar das histórias aterrorizantes, a vila mantinha uma antiga tradição, um rito de passagem que era considerado essencial para a transição de um jovem à idade adulta. Esse rito, conhecido como “O Teste da Coragem”, exigia que, ao completar 18 anos, o jovem da vila se aventurasse nas florestas profundas e enfrentasse o porco selvagem. Aquele que conseguisse derrotar a criatura e retornar à vila com a cabeça do porco seria considerado um verdadeiro homem, digno de respeito e honra entre os seus. No entanto, o teste era extremamente perigoso, e muitos jovens haviam falhado, alguns retornando gravemente feridos, outros jamais sendo vistos novamente.

Shaulin cresceu ouvindo essas histórias e, embora soubesse do perigo, nunca deixou que o medo o dominasse. Desde muito cedo, ele decidiu que passaria pelo teste e se tornaria um verdadeiro homem, assim como seus antepassados. Ele sabia que não seria fácil, mas estava determinado a provar sua coragem e força, não apenas para si mesmo, mas também para sua família e sua vila. Durante anos, ele treinou incansavelmente, aperfeiçoando suas habilidades de combate, aprendendo a caçar e a rastrear animais na floresta, e fortalecendo seu corpo e mente para o desafio que sabia que um dia enfrentaria.

Seus pais, embora preocupados com a segurança do filho, apoiavam seu desejo de passar pelo teste, reconhecendo a importância dessa tradição para a identidade e o orgulho da vila. Seu pai, que também havia enfrentado o teste em sua juventude e conseguido escapar com vida, lhe ensinou tudo o que sabia sobre caça e combate. Ele ensinou Shaulin a fazer armadilhas, a usar a lança com precisão e a mover-se silenciosamente pela floresta, como uma sombra. Sua mãe, por outro lado, lhe ensinou sobre as ervas medicinais, como curar feridas e como manter a calma em situações de perigo. Eles sabiam que, para vencer o porco selvagem, Shaulin precisaria de mais do que força bruta; ele precisaria de inteligência, paciência e sabedoria.

Os anos passaram rapidamente, e logo chegou o dia do teste. Shaulin, agora com 18 anos, sentia uma mistura de excitação e nervosismo. Na noite anterior ao teste, ele não conseguiu dormir. Sentado à beira da cama, ele olhou pela janela para a lua cheia que iluminava a vila com um brilho prateado. Lembrou-se das histórias que ouvira quando criança, sobre os jovens que haviam falhado no teste, mas também sobre aqueles que haviam triunfado e retornado como heróis. Shaulin sabia que seu destino estava em suas próprias mãos, e que o sucesso ou o fracasso dependeria de sua coragem e determinação.

Antes de partir, na manhã seguinte, Shaulin vestiu sua roupa de caça, feita de couro grosso para protegê-lo dos galhos e espinhos da floresta, e pegou sua lança, uma arma que havia sido forjada especialmente para ele pelo ferreiro da vila. A lança era longa e afiada, com um cabo decorado com símbolos antigos, que representavam proteção e força. Seu pai lhe deu um abraço forte e lhe desejou boa sorte, enquanto sua mãe, com lágrimas nos olhos, o abençoou com uma oração antiga, pedindo aos deuses que o protegessem e guiassem em sua jornada. Capítulo 3: A Jornada na Floresta

Shaulin entrou na floresta com determinação, mas também com um profundo respeito pelo adversário que estava prestes a enfrentar. Ele sabia que o porco selvagem não era uma simples fera, mas uma criatura lendária, com poderes que iam além da compreensão humana. A floresta, com suas árvores imponentes e sombras densas, parecia um mundo à parte, onde o tempo e o

espaço se distorciam, e onde as leis da natureza eram diferentes. O ar estava carregado de uma energia estranha, e Shaulin podia sentir a presença dos espíritos antigos que, segundo as lendas, habitavam aquelas terras.

À medida que avançava pela floresta, Shaulin usava todas as suas habilidades para permanecer silencioso e invisível. Ele caminhava com cuidado, evitando pisar em galhos secos que pudessem revelar sua posição, e observava atentamente os sinais ao seu redor, procurando rastros do porco selvagem. Ele sabia que a criatura era astuta e que, para enfrentá-la, precisaria ser ainda mais astuto. Sua mente estava focada, e ele não deixava que o medo ou a dúvida o distraíssem.

Depois de horas de busca, Shaulin finalmente encontrou um rastro. Pegadas profundas marcavam o solo macio da floresta, e ele sabia que estava no caminho certo. Seguindo as pegadas, ele chegou a uma clareira, onde o chão estava revirado, como se uma batalha tivesse ocorrido ali. No centro da clareira, havia uma árvore caída, suas raízes expostas como mãos gigantes que tentavam agarrar o céu. A atmosfera era pesada, e o silêncio que reinava ali era quase palpável. Shaulin sabia que estava se aproximando do porco selvagem, pois as lendas diziam que onde quer que a criatura passasse, a natureza se curvava à sua presença.

Ele se abaixou, examinando o solo e as marcas deixadas pela fera. As pegadas eram enormes, confirmando a imensa força e peso do animal. Perto das raízes expostas, Shaulin encontrou um tufo de pelos grossos e escuros presos em um galho. Ele apertou o punho da sua lança, sentindo a adrenalina correr por suas veias. Este era o momento que ele esperava toda sua vida. Shaulin sabia que não poderia recuar agora. Ele respirou fundo, deixando a calma invadir seu corpo, e continuou a seguir o rastro.

Conforme avançava, a floresta parecia se fechar ao seu redor, como se a própria natureza tentasse impedir sua passagem. Shaulin sentiu a pressão aumentar, mas se manteve firme. Ele lembrou-se das palavras de seu pai: "O verdadeiro teste não está em derrotar o inimigo, mas em superar seus próprios medos." Determinado, ele continuou, até que, ao virar uma curva, avistou a criatura.

O porco selvagem estava ali, no meio de uma outra clareira. A criatura era ainda mais imponente do que Shaulin havia imaginado. Seus olhos brilhavam como brasas vivas, e sua pele era de uma cor negra como a noite, grossa e resistente, refletindo a luz do sol que atravessava as copas das árvores. As presas da fera eram longas e afiadas, curvadas como lâminas que poderiam facilmente rasgar a carne de qualquer inimigo. O porco selvagem, ciente da presença de Shaulin, ergueu a cabeça e bufou, emitindo um som gutural que reverberou pela floresta, fazendo os pássaros se agitarem nas árvores.

Shaulin sentiu seu coração disparar, mas não recuou. Ele sabia que a única maneira de derrotar a criatura era enfrentá-la de frente. Com a lança firmemente em suas mãos, ele avançou em direção ao porco selvagem, seus movimentos precisos e calculados. A criatura, por sua vez, não hesitou. Com uma velocidade surpreendente, o porco selvagem atacou, suas presas direcionadas para o peito de Shaulin.

Shaulin se esquivou por um triz, rolando para o lado e levantando-se rapidamente. Ele sabia que precisava usar sua agilidade a seu favor, pois a força bruta da criatura era insuperável. Shaulin continuou a esquivar dos ataques furiosos do porco selvagem, estudando seus movimentos e procurando por uma abertura. A batalha se intensificou, e ambos adversários mostravam sua determinação.

Em um momento crucial, Shaulin percebeu uma fraqueza: o porco selvagem, em seu ímpeto de atacar, havia se descuidado, expondo seu flanco. Sem hesitar, Shaulin aproveitou a oportunidade. Com um grito de guerra, ele lançou sua lança com toda a força que possuía, mirando o ponto vulnerável. A lança voou pelo ar, girando em alta velocidade, e acertou em cheio o alvo.

O porco selvagem soltou um rugido de dor e raiva, recuando enquanto sangue escorria de

sua ferida. Shaulin sabia que não poderia dar tempo para a criatura se recuperar. Ele avançou novamente, desta vez com um galho afiado que havia preparado como arma de reserva. Com um golpe certo, ele atingiu a garganta da fera, atingindo o ponto vital.

Por alguns instantes que pareceram uma eternidade, a floresta ficou em silêncio. O porco selvagem tombou no chão, sua imensa massa fazendo a terra tremer. Shaulin, exausto e com os pulmões ardendo, ficou ali, respirando pesadamente enquanto observava a criatura que havia caído. Ele tinha vencido.

Com um misto de alívio e respeito, Shaulin se aproximou do porco selvagem e, seguindo a tradição, removeu a cabeça da criatura, embora com um sentimento de reverência por aquele que fora um adversário digno. Ao erguer a cabeça do porco, ele sentiu uma onda de emoções—não apenas de vitória, mas também de respeito pela vida que havia tomado.

Shaulin retornou à vila ao cair da noite. O luar iluminava seu caminho enquanto ele carregava a cabeça do porco selvagem como prova de sua vitória. Os habitantes da vila, que estavam reunidos na praça central, aguardavam ansiosamente por seu retorno. Quando Shaulin surgiu, ferido e exausto, mas triunfante, a vila explodiu em aplausos e gritos de alegria.

Os anciãos da vila o receberam com grande respeito, declarando-o um verdadeiro homem, digno de todas as honras. Naquela noite, a vila celebrou como nunca antes. Havia música, danças, e histórias sobre a coragem de Shaulin seriam contadas por gerações. Ele havia provado que, com coragem, inteligência e respeito pelas forças da natureza, até mesmo os desafios mais assustadores poderiam ser superados.

E assim, a lenda de Shaulin, o jovem que derrotou o porco selvagem e se tornou um herói da sua vila, foi passada de geração em geração, inspirando outros a seguir seus passos e a nunca recuar diante do medo.

Enquanto a festa na vila continuava noite adentro, Shaulin se sentou ao redor da fogueira com os anciãos, ouvindo atentamente seus conselhos e histórias de tempos antigos. Eles lhe contaram sobre outros heróis que, como ele, enfrentaram grandes desafios e triunfaram. Embora Shaulin estivesse cansado, ele absorvia cada palavra, sabendo que estava sendo preparado para algo maior.

No entanto, à medida que as primeiras luzes do amanhecer surgiam no horizonte, um velho e misterioso viajante apareceu na vila. Sua barba era longa e branca como a neve, e seus olhos brilhavam com uma sabedoria que parecia transcender o tempo. Ele se aproximou de Shaulin e dos anciãos, inclinando-se levemente em sinal de respeito antes de falar.

“Eu sou Bairan, o Guardião das Terras do Norte,” disse o velho viajante em uma voz grave, mas gentil. “As notícias da sua coragem chegaram longe, jovem Shaulin. Mas a batalha contra o porco selvagem era apenas o início de sua jornada.”

Shaulin, intrigado, olhou para o ancião da vila, que acenou em confirmação, indicando que o velho era digno de confiança.

Bairan continuou: “Nos recantos mais escuros das florestas do norte, onde o sol raramente penetra, uma antiga e poderosa criatura desperta de seu sono profundo. Os anciãos chamam-na de ‘A Besta Sombria’. Durante séculos, ela permaneceu adormecida, mas agora algo a perturbou, e ela voltou à vida, trazendo consigo uma escuridão que ameaça engolir todas as terras.”

O silêncio caiu sobre a praça, enquanto todos ouviam as palavras de Bairan com grande apreensão. Shaulin sentiu um arrepio percorrer sua espinha, mas ao mesmo tempo, uma nova chama de determinação acendeu-se em seu coração.

“Você foi escolhido pelo destino, Shaulin,” disse Bairan, fixando seu olhar nos olhos do jovem. “Apenas alguém que demonstrou coragem e respeito pela natureza, como você fez, pode enfrentar A Besta Sombria e trazer paz de volta a estas terras. Mas esta será uma prova muito mais difícil do que qualquer coisa que você já enfrentou.”

Shaulin sabia que não poderia recusar essa missão, mesmo que isso significasse arriscar sua vida novamente. Ele se levantou, com um novo senso de propósito em seu peito, e declarou em voz firme: “Se é meu destino, então enfrentarei A Besta Sombria. Pelo bem da minha vila e de todas as outras que possam estar em perigo.”

Os anciãos assentiram com orgulho, e Bairan entregou a Shaulin um amuleto antigo, esculpido em pedra. “Este amuleto foi forjado pelos primeiros guardiões. Ele guiará seus passos e protegerá sua alma contra as trevas que você encontrará.”

Com o amuleto em mãos e a aprovação dos anciãos, Shaulin se despediu de sua vila uma vez mais. Desta vez, ele não sabia quando ou se voltaria, mas estava determinado a cumprir sua missão. Ao sair da vila, o primeiro raio de sol iluminou o caminho à sua frente, e Shaulin começou sua jornada em direção ao desconhecido, com a lenda da Besta Sombria a aguardá-lo nos confins das Terras do Norte.

Naquela noite, Shaulin sonhou com uma escuridão densa, que parecia envolver tudo ao seu redor. No centro dessa escuridão, ele viu a silhueta de uma criatura gigantesca, com olhos vermelhos como brasas, que o observava em silêncio. A presença da Besta Sombria era opressora, e Shaulin sentia um frio na espinha, como se a criatura estivesse sondando sua alma. Mas então, o amuleto em seu peito brilhou intensamente, afastando a escuridão e dissipando o pesadelo.

Shaulin acordou ofegante, o coração batendo rápido. Ele sabia que o sonho era um presságio, uma advertência do que estava por vir. A Besta Sombria já estava ciente de sua chegada e o aguardava nos confins das Terras do Norte. Mas em vez de sentir medo, Shaulin sentiu uma determinação renovada. Ele sabia que não estava sozinho; o amuleto o protegeria, e os espíritos de seus ancestrais estavam com ele.

No dia seguinte, Shaulin seguiu em frente, agora com passos firmes e resolutos. A paisagem ao seu redor tornava-se cada vez mais inóspita, com o terreno se transformando em campos de gelo e penhascos traiçoeiros. Mas, mesmo diante das dificuldades, Shaulin avançava, guiado por uma força interior que crescia a cada passo.

Após dias de caminhada, ele finalmente chegou ao limiar de uma caverna vasta e sombria, a entrada para o domínio da Besta Sombria. A escuridão parecia absorver a luz ao redor, tornando a caverna um abismo sem fundo. Shaulin sentiu o amuleto pulsar novamente, como se estivesse preparando-o para o confronto final.

Com uma respiração profunda, Shaulin entrou na caverna, seus sentidos aguçados para qualquer sinal de perigo. A temperatura caiu drasticamente, e a escuridão parecia ganhar vida, sussurrando palavras incompreensíveis. À medida que avançava, ele começou a ver marcas nas paredes, antigas runas que contavam a história da Besta Sombria — uma criatura amaldiçoada por um antigo deus, condenada a vagar eternamente pelas Terras do Norte, alimentando-se do medo e do desespero.

Finalmente, Shaulin chegou a uma grande câmara, onde a Besta Sombria o aguardava. A criatura era ainda mais imponente do que em seu sonho, com garras afiadas como lâminas e uma aura de pura maldade. Seus olhos brilhavam na escuridão, fixando-se em Shaulin com uma mistura de curiosidade e ódio.

Por um momento, o tempo pareceu parar. Shaulin ergueu o amuleto, que agora brilhava intensamente, banhando a câmara em uma luz dourada. A Besta Sombria rugiu, uma mistura de raiva e dor, e lançou-se sobre Shaulin com uma velocidade impressionante. Mas Shaulin estava preparado. Ele desviou do ataque com agilidade e, em um movimento fluido, apontou o amuleto diretamente para o coração da criatura.

A luz do amuleto se intensificou, atingindo a Besta Sombria em cheio. A criatura soltou um grito ensurdecedor, enquanto sua forma corpórea começava a se desintegrar, envolta em uma aura de luz e sombras. Por fim, a Besta Sombria foi consumida pela luz, deixando apenas um silêncio

profundo e a sensação de uma paz há muito perdida.

Exausto, Shaulin caiu de joelhos, mas com um sorriso de triunfo nos lábios. Ele havia cumprido sua missão. A Besta Sombria estava destruída, e as Terras do Norte estavam finalmente livres de sua maldição.

Shaulin retornou à sua vila semanas depois, onde foi recebido como um herói. Mas ele sabia que a verdadeira vitória não estava apenas na derrota da criatura, mas na jornada que o transformou, fortalecendo seu espírito e revelando a verdadeira coragem que habitava em seu coração.

Tarefa

Imprima "Hello World".

Entrada

Não tem.

Saída

Hello World

Exemplo de Entrada

Exemplo de Saída

```
Hello World
```